



Revista on line de Política e Gestão Educacional
Online Journal of Policy and Educational Management



¹ Profa. Dra. Universidade Estadual de Samarcanda, Samarcanda, Uzbequistão.

² Prof. Dr. da Universidade Estadual de Samarcanda, Samarcanda, Uzbequistão.

³ Docente Doutor da Universidade Estadual de Samarcanda, Samarcanda, Uzbequistão.

⁴ Docente Doutor da Universidade Estadual de Samarcanda, Samarcanda, Uzbequistão.

⁵ Docente Doutor da Universidade Estadual de Samarcanda, Samarcanda, Uzbequistão.

⁶ Docente Doutor da Universidade Técnica de Bursa, Bursa, Turquia.

⁷ Docente Doutor da Universidade Estadual de Samarcanda, Samarcanda, Uzbequistão.

VOZ NARRATIVA E AGÊNCIA: ESCOLHAS LINGÜÍSTICAS EM REPARAÇÃO DE IAN MCEWAN COM ÊNFASE NOS ASPECTOS EDUCACIONAIS

NARRATIVA Y AGENCIA: ELECCIONES LINGÜÍSTICAS EN ATONEMENT DE IAN MCEWAN, CON ÉNFASIS EN LOS ASPECTOS EDUCATIVOS

NARRATIVE VOICE AND AGENCY: LINGUISTIC CHOICES IN IAN MCEWAN'S ATONEMENT WITH AN EMPHASIS ON EDUCATIONAL ASPECTS

Surena ZANJANI¹

zanjanisurena6@gmail.com

Hakan AYDOĞAN²

aydoganh@hotmail.com

Nurova Gulchehra TISHABAYEVNA³

gulanurova19972@gmail.com

Sitora Ruziyeva ASROROVNA⁴

sitoraruzieva8@gmail.com

Saidova Aziza DAVLATOVNA⁵

aziza.saidova@mail.ru

MeldaMedine SUNAY⁶

sosyologmelda@gmail.com

Mahmadiyev Shavkatjon SUYUNQULOVICH⁷

shavkatmahmadyev1975@gmail.com



Como referenciar este artigo:

Zanjani, S., Aydoğan, H., Tishabayevna, N. G., Asrorovna, S. R., Davlatovna, S. A., Sunay, M., & Suyunqulovich, M. S. (2025). Voz narrativa e agência: escolhas linguísticas em reparação de Ian Mcewan com ênfase nos aspectos educacionais. *Revista on line de Política e Gestão Educacional*, 29(esp4), e025091. <https://doi.org/10.22633/rpge.v29iesp4.20757>

Submetido em: 20/11/2025

Revisões requeridas em: 25/11/2025

Aprovado em: 04/12/2025

Publicado em: 20/12/2025

RESUMO: Este artigo examina a relação entre voz narrativa e agência em *Reparação*, de Ian McEwan. Por meio de análise linguística, demonstra como mudanças de perspectiva e vozes autorais distintas moldam a percepção do leitor sobre a agência das personagens. O estudo destaca como as escolhas linguísticas de McEwan reforçam temas-chave como culpa, memória e responsabilidade moral. Ao analisar trechos selecionados, demonstra como a manipulação da linguagem aprofunda o impacto emocional e incentiva o engajamento crítico com as motivações das personagens. O artigo argumenta que as estruturas narrativas tanto possibilitam quanto limitam as personagens, revelando tensões entre o controle autoral e a agência individual. Também situa *Reparação* dentro da teoria narrativa contemporânea, ilustrando como as inovações estilísticas de McEwan levantam questões sobre identidade, verdade e a natureza subjetiva da realidade. Em suma, a análise ressalta como as estratégias narrativas contribuem para a complexidade ética do romance e desafiam as visões tradicionais de narrativa e autonomia das personagens.

PALAVRAS-CHAVE: Voz Narrativa. Escolhas linguísticas. Ian McEwan. *Atonement*. Teoria Narrativa.

RESUMEN: Este artículo analiza la relación entre la voz narrativa y la agencia en *Reparación*, de Ian McEwan. A través de un examen lingüístico, demuestra cómo los cambios de perspectiva y las distintas voces autorales configuran la percepción del lector sobre la agencia de los personajes. El estudio destaca cómo las elecciones lingüísticas de McEwan refuerzan temas clave como culpa, memoria y responsabilidad moral. Al analizar pasajes seleccionados, evidencia cómo la manipulación del lenguaje intensifica el impacto emocional y fomenta el involucramiento crítico con las motivaciones de los personajes. El artículo sostiene que las estructuras narrativas tanto habilitan como restringen a las figuras ficcionales, revelando tensiones entre el control autoral y la agencia individual. Asimismo, sitúa *Reparación* dentro de la teoría narrativa contemporánea, mostrando cómo las innovaciones estilísticas de McEwan plantean cuestiones sobre identidad, verdad y la naturaleza subjetiva de la realidad. En síntesis, el análisis subraya cómo las estrategias narrativas contribuyen a la complejidad ética de la novela y desafían las visiones tradicionales de narrativa y autonomía de los personajes.

PALABRAS CLAVE: Voz narrativa. Elecciones lingüísticas. Ian McEwan. *Atonement*. Teoría narrativa.

ABSTRACT: This article examines the relationship between narrative voice and agency in Ian McEwan's *Atonement*. Through linguistic analysis, it shows how shifts in perspective and distinct authorial voices shape the reader's perception of character agency. The study highlights how McEwan's linguistic choices reinforce key themes such as guilt, memory, and moral responsibility. By analyzing selected passages, it demonstrates how the manipulation of language deepens emotional impact and encourages critical engagement with characters' motivations. The article argues that narrative structures both enable and limit characters, revealing tensions between authorial control and individual agency. It also situates *Atonement* within contemporary narrative theory, illustrating how McEwan's stylistic innovations raise questions about identity, truth, and the subjective nature of reality. Overall, the analysis underscores how narrative strategies contribute to the novel's ethical complexity and challenge traditional views of storytelling and character autonomy.

KEYWORDS: Narrative Voice. Linguistic Choices. Ian McEwan. *Atonement*. Narrative Theory.

Artigo submetido ao sistema de similaridade



Editor: Prof. Dr. Sebastião de Souza Lemes

Editor Adjunto Executivo: Prof. Dr. José Anderson Santos Cruz.



INTRODUÇÃO

A interação entre a voz narrativa e a agência dos personagens tem sido um ponto central da crítica literária, particularmente no contexto da literatura modernista. A obra *Reparação*, de Ian McEwan, serve como um estudo de caso convincente para essa dinâmica, pois entrelaça de forma complexa múltiplas perspectivas e vozes para criar uma tapeçaria intrincada de ambiguidade moral e profundidade psicológica. Fundamental para a técnica narrativa de McEwan é a manipulação deliberada das escolhas linguísticas que moldam não apenas o envolvimento do leitor com o texto, mas também a autonomia dos personagens dentro da estrutura narrativa. Como argumenta Rollyson (2020, p. 11), “o foco da biografia está no biografado, não no biógrafo, mas metade da história de uma biografia é, obviamente, quem está contando a história”. Isso acentua a influência inerente do narrador sobre a própria narrativa.

A voz narrativa funciona como uma lente crucial por meio da qual os leitores interpretam as motivações e os dilemas éticos das personagens. Em *Reparação*, McEwan (2005) emprega uma abordagem narrativa polifônica, alternando entre os pontos de vista de diferentes personagens, principalmente através da perspectiva de Briony Tallis, cujas interpretações equivocadas da juventude catalisam o conflito central do romance. Essa multiplicidade narrativa levanta questões críticas sobre a confiabilidade da perspectiva e suas implicações para a capacidade de agir.

Enquanto Briony lida com sua própria culpa e as consequências de seus atos, McEwan (2005) convida os leitores a refletirem sobre até que ponto a autoridade narrativa pode moldar, distorcer ou mesmo minar a autonomia individual. Como observa Richardson, “a voz narrativa não é meramente um veículo para contar histórias, mas um agente poderoso que pode influenciar as realidades dos personagens e as percepções dos leitores” (Richardson, 2006, p. 87). Além disso, como afirma Fisher (1984, p. 2), “as narrativas são fundamentais para a comunicação, fornecem estrutura para a experiência humana e influenciam as pessoas a compartilharem explicações e entendimentos comuns”.

DEFININDO A VOZ NARRATIVA E SEU PAPEL NA AGÊNCIA

No contexto de *Reparação*, de Ian McEwan, a voz narrativa assume um papel multifacetado que se entrelaça intrinsecamente com os conceitos de agência, desafiando os leitores a questionar a confiabilidade e as implicações do processo de contar histórias. Briony, por exemplo, é “uma daquelas crianças possuídas pelo desejo de que o mundo esteja exatamente como está” (McEwan, 2005, p. 3), demonstrando como sua voz narrativa é impulsionada por uma necessidade de controle e ordem. Os referenciais teóricos para a compreensão da voz narrativa frequentemente se baseiam na narratologia, particularmente nas distinções feitas

por estudiosos como Mikhail Bakhtin e Gérard Genette. A noção de heteroglossia de Bakhtin ilumina a multiplicidade de vozes dentro de um texto, sugerindo que cada voz carrega seu próprio peso ideológico e contribui para uma narrativa polifônica.

Segundo Bakhtin (1981), “o romance é uma diversidade de tipos de discurso social, às vezes até mesmo uma diversidade de línguas, e não é uma mistura, mas sim um diálogo entre elas” (p. 262), o que é particularmente relevante em *Reparação*, onde McEwan emprega uma variedade de perspectivas narrativas para explorar as experiências subjetivas de seus personagens. Tal técnica não só enriquece a narrativa, como também complexifica a noção de agência; à medida que os personagens são filtrados por vozes concorrentes, sua autonomia torna-se um espaço de negociação entre a intenção do autor e os desejos dos personagens. A paixão de Briony pela organização, por exemplo, é satisfeita quando “as páginas de uma história recém-terminada pareciam vibrar em sua mão com toda a vida que continham” (McEwan, 2005, p. 7), evidenciando como sua voz narrativa está profundamente investida na criação de um mundo coerente e controlado.

Como explica Genette (1980, p. 189), “a focalização é a relação entre a narrativa e as personagens, e determina o quanto o leitor sabe sobre os pensamentos e sentimentos das personagens”. Em *Reparação*, a focalização de Briony é crucial; sua compreensão limitada e os consequentes julgamentos equivocados ilustram a tensão entre o controle narrativo e a autonomia individual. A voz narrativa de Briony é tão autoritária que ela só consegue se sentir imune quando “uma história termina, todos os destinos são resolvidos e toda a questão é encerrada em ambas as extremidades, de modo que se assemelha, pelo menos nesse aspecto, a todas as outras histórias concluídas do mundo” (McEwan, 2005, p. 6), revelando até que ponto sua autonomia está intrinsecamente ligada ao seu controle narrativo.

Além disso, teorias contemporâneas sobre agência, como as articuladas por estudiosos como James Phelan e David Herman, enfatizam a interação entre a estrutura narrativa e a ação da personagem. Phelan postula que a voz narrativa pode tanto ampliar quanto limitar a agência de uma personagem, dependendo de como a história é contada. Phelan (2007, p. 112) afirma que “a voz narrativa pode servir como um guardião da agência da personagem, determinando quanta liberdade as personagens têm para agir dentro de suas próprias histórias”. No romance de McEwan, a alternância entre as vozes narrativas cria uma complexidade multifacetada que tanto amplia quanto limita a agência de Briony, ilustrando a relação sutil entre o controle narrativo e a autonomia da personagem.

As escolhas estilísticas de McEwan em “Reparação”

Esta análise explorará diversos elementos linguísticos essenciais, incluindo sintaxe, dicção, discurso indireto livre e estratificação narrativa, que, em conjunto, iluminam a intrincada

relação entre linguagem, voz e agência. As linhas iniciais do romance, por exemplo, demonstram a habilidade de McEwan em construir diálogos que revelam traços de caráter, como se vê na troca de palavras entre Briony e sua mãe, onde as lágrimas de vergonha de Briony são provocadas pela pergunta da mãe sobre suas criações literárias: “Querida Srta. Morland, que ideias você tem admitido?” [...] elas tinham chegado ao fim da galeria; e com lágrimas de vergonha ela correu para o seu quarto” (McEwan, 2005, p. 2).

Tecnicamente falando, Wales (2014, p. 415) afirma que “o estilo engloba os hábitos linguísticos de um determinado escritor”. A sintaxe da escrita de Briony, como se observa em *Os Julgamentos de Arabella*, também reflete suas inclinações românticas e melodramáticas: “A paixão desenfreada da heroína, Arabella, por um conde estrangeiro perverso é punida pela má sorte quando ela contrai cólera durante uma fuga impetuosa para uma cidade litorânea com seu pretendente” (McEwan, 2005, p. 3). Por outro lado, estruturas de frases mais complexas podem indicar um efeito de distanciamento, sugerindo momentos em que a voz narrativa assume maior controle sobre os eventos que se desenrolam, restringindo, assim, a autonomia dos personagens. Nas palavras de Herman (2013, p. 45), “a sintaxe de uma narrativa pode moldar a resposta emocional do leitor e sua compreensão da autonomia dos personagens”.

Como argumenta Phelan (2007, p. 112), “a escolha da linguagem em uma narrativa pode influenciar profundamente a compreensão do leitor sobre as motivações dos personagens e os dilemas éticos”. Além disso, “uma das características mais importantes do discurso literário é seu padrão linguístico recorrente, ou ‘coesão’, um padrão que pode ser encontrado em todos os níveis da gramática; e é especialmente nesse nível que o linguista pode lançar luz sobre a linguagem de um texto, demonstrando tanto qual é o sistema linguístico da obra quanto como ele opera naquele texto específico” (Traugott & Pratt, 2008, p. 10).

Nesse sentido, Richardson (2006, p. 78) propõe que “o discurso indireto livre permite ao leitor vivenciar os pensamentos da personagem, mantendo, ao mesmo tempo, uma distância crítica da narrativa”. À medida que Briony assume o papel de autora dentro da narrativa, ela confronta as implicações de suas ações anteriores e a dinâmica de poder inerente à construção narrativa. Essa autorreflexão não apenas ressalta as responsabilidades éticas do narrador, mas também posiciona a agência de Briony como produto de suas escolhas narrativas e como um espaço de conflito contínuo.

A introspecção de Briony, como demonstrado em seu comentário sobre o crânio de seu esquilo, “ninguém sabia do crânio de esquilo debaixo da cama dela, mas ninguém queria saber” (McEwan, 2005, p. 6), evidencia sua consciência da dinâmica de poder presente na narrativa e sua própria responsabilidade como narradora. Conforme afirma Waugh (1984, p. 134), “o ato de contar histórias está intrinsecamente ligado às considerações éticas do papel do narrador”. Além disso, Zara Altair (2016, p. 176) estipula que “sua voz narrativa determina a

perspectiva a partir da qual a história é contada, enquanto o tom define o clima e a atmosfera da história”.

Os efeitos da narração em primeira e terceira pessoa

A imediaticidade da voz em primeira pessoa convida os leitores a se identificarem com Briony, mas, simultaneamente, levanta questões sobre sua confiabilidade. Sua ingenuidade juvenil e o subsequente remorso complicam a noção de agência, pois os leitores precisam lidar com as implicações de suas autojustificativas e interpretações equivocadas. Ao refletir sobre suas experiências, Briony percebe: “que outra autoridade ela poderia ter? Somente quando uma história estivesse concluída, todos os destinos resolvidos e toda a questão encerrada em ambas as extremidades, de modo que se assemelhasse, ao menos nesse aspecto, a todas as outras histórias concluídas do mundo, ela poderia se sentir imune [...]” (McEwan, 2005, p. 9).

Essa visão de seu conflito interno destaca a urgência de seu desejo de controlar sua narrativa. Waugh (1984, p. 134) reitera que “o ato de contar histórias está intrinsecamente ligado às considerações éticas do papel do narrador”. Em contraste, a voz em terceira pessoa permite que McEwan explore as ramificações das ações de Briony sobre os outros, apontando, assim, a interconexão de seus destinos. Por exemplo, “o caos e a destruição eram caóticos demais para o seu gosto, e ela não tinha em si a crueldade” (McEwan, 2005, p. 6) ilustra a bússola moral de Briony, reforçando a complexidade de sua personagem. Além disso, “sua paixão por organização também era satisfeita, pois um mundo indisciplinado podia ser organizado” (McEwan, 2005, p. 7) revela seu desejo por ordem, complexificando ainda mais suas motivações. De acordo com Herman (2013, p. 45), “a sintaxe de uma narrativa pode moldar a resposta emocional do leitor e a compreensão da agência do personagem”.

A estratégia narrativa de McEwan, portanto, destaca o tema do autoengano, uma vez que as tentativas de Briony de reescrever seu passado por meio da narrativa complicam ainda mais sua capacidade de agir. A descrição dela como “uma daquelas crianças possuídas pelo desejo de que o mundo seja exatamente como é” (McEwan, 2005, p. 6) personifica sua natureza introspectiva, ilustrando o efeito da narração em terceira pessoa na criação de distanciamento, ao mesmo tempo que convida à reflexão. Richardson (2006, p. 78) acredita que “o discurso indireto livre permite ao leitor vivenciar os pensamentos da personagem, mantendo, ao mesmo tempo, uma distância crítica da narrativa”. Além disso, as implicações dessa dualidade chamam a atenção para as responsabilidades éticas do narrador, à medida que Briony confronta as limitações de suas percepções anteriores e o peso moral de suas escolhas narrativas. Como elucida Phelan (2007, p. 112), “a escolha das palavras em uma narrativa pode influenciar profundamente a compreensão do leitor sobre as motivações da personagem e seus dilemas éticos”.

Construções linguísticas e seu impacto na formação da identidade

Esta análise examinará as maneiras pelas quais as escolhas linguísticas — abrangendo dicção, sintaxe e perspectiva narrativa — moldam a agência dos personagens e, por sua vez, contribuem para os temas mais amplos de memória, culpa e redenção. Duranti (2004, p. 465) indica que “o próprio ato de falar diante de outros que podem perceber tal ato estabelece o falante como um ser cuja existência deve ser considerada em termos de seus objetivos e habilidades comunicativas”. No centro desta exploração está Briony Tallis, cujas expressões linguísticas servem como um veículo crucial para a formação de sua identidade. Inicialmente retratada através da lente de sua imaginação juvenil, a linguagem de Briony é imbuída de um senso de inocência e ingenuidade.

Suas primeiras tentativas de contar histórias refletem um desejo de autonomia e controle, buscando impor ordem às suas experiências por meio da narrativa. Como ela observa, “a própria imaginação era uma fonte de segredos: uma vez que começava uma história, ninguém podia contá-la” (McEwan, 2005, p. 5). Essa percepção de sua turbulência interior ressalta a urgência de seu desejo de controlar sua narrativa. Como sugere Waugh (1984, p. 134), “o ato de contar histórias está intrinsecamente ligado às considerações éticas do papel do narrador”, evidenciando as implicações morais das escolhas narrativas de Briony.

Contudo, à medida que a trama se desenrola e as ramificações de suas ações se tornam evidentes, as construções linguísticas que ela emprega começam a refletir uma crescente consciência de suas falhas morais. A mudança de uma linguagem lúdica e imaginativa para uma dicção mais sombria e reflexiva marca uma transformação significativa na identidade de Briony, enquanto ela lida com as consequências de suas escolhas. “A linguagem não é um meio neutro; é um espaço de luta e conflito” (Bakhtin, 1981, p. 67), sugerindo que a linguagem em evolução de Briony espelha seus conflitos internos e as complexidades de sua identidade. Além disso, Lee (2025, p. 70) afirma que “a linguagem desempenha um papel crucial na formação da identidade, fornecendo um meio de expressão e comunicação”.

A ideia de que “fingir em palavras era muito hesitante, muito vulnerável, muito constrangedor para deixar alguém saber” (McEwan, 2005, p. 5) sublinha a exposição inerente às suas tentativas de articular o seu remorso, que são repletas das limitações das suas concepções errôneas anteriores. Como salientado por Richardson (2006, p. 78), “a interação entre a voz narrativa e o pensamento da personagem revela as complexidades da agência”, demonstrando como as técnicas narrativas de McEwan aprofundam a nossa compreensão da personagem de Briony.

Os diálogos e as descrições narrativas revelam como as personagens influenciam as identidades umas das outras através das suas trocas linguísticas. Por exemplo, a linguagem assertiva de Cecilia contrasta fortemente com a hesitação anterior de Briony, enfatizando a

divergência nas suas respectivas compreensões de autonomia. Como ela afirma: “Que outra autoridade ela poderia ter? Só quando uma história terminasse, todos os destinos se resolvessem e toda a questão fosse encerrada em ambas as extremidades [...]” (McEwan, 2005, p. 6).

Essa dinâmica reforça a noção de que a agência não é uma busca exclusivamente individual, mas também é moldada por contextos relacionais e diálogos interpessoais. Kristeva (1984, p. 45) aprofunda essa ideia ao afirmar que “a identidade se forma pela interação de vozes e discursos”, reforçando a noção de que a identidade de Briony é influenciada por suas interações com os outros. O desejo por ordem fica evidente quando ela reflete que “sua paixão por organização também era satisfeita, pois um mundo desordenado podia ser organizado” (McEwan, 2005, p. 7). Essa relação recursiva entre linguagem e memória chama a atenção para a fluidez da identidade, sugerindo que as personagens são continuamente remodeladas por suas expressões linguísticas e pelas narrativas que constroem sobre si mesmas. Em outras palavras, “a identidade narrativa se forma pela integração de experiências passadas em uma história coerente” (Ricoeur, 1984, p. 115), destacando o papel da narrativa na formação da autopercepção. Resumidamente, a interação entre dicção, sintaxe e perspectiva narrativa não apenas molda as identidades dos personagens, mas também ressalta as dimensões éticas da narrativa.

A noção de que “um universo reduzido ao que nele era dito era, de fato, uma organização perfeita, quase ao ponto da nulidade” (McEwan, 2005, p. 9) sugere que, embora a linguagem possa impor ordem, ela também pode simplificar emoções complexas. Ao examinar o impacto das escolhas linguísticas na agência dos personagens, esta análise contribui para uma compreensão mais profunda das complexidades da identidade retratadas na narrativa de McEwan, enriquecendo, em última análise, o envolvimento do leitor com o texto.

A influência do tempo verbal e da voz na confiabilidade narrativa

Essa escolha estabelece um senso de retrospectiva, permitindo que Briony confronte suas ações anteriores com a consciência de suas consequências. Por exemplo, “Ela era uma daquelas crianças possuídas pelo desejo de que o mundo fosse exatamente como ela queria” (McEwan, 2005, p. 3) marca a necessidade de controle de Briony, enquanto o uso do pretérito cria distanciamento, permitindo que os leitores observem seus traços de caráter. O uso do pretérito não apenas situa a narrativa dentro de uma estrutura temporal definida, mas também complica a noção de confiabilidade; à medida que Briony reflete sobre seu passado, suas interpretações são inevitavelmente influenciadas por sua compreensão presente, levando a possíveis distorções em seu relato dos eventos. De fato, “o ato de lembrar é inerentemente seletivo, moldando a narrativa de maneiras que podem obscurecer a verdade” (Herman, 2013, p. 45), o que evidencia as complexidades do relato retrospectivo de Briony.

Em outras palavras, “o uso do presente do indicativo pode criar uma falsa sensação de imediatismo que complica a compreensão da narrativa pelo leitor” (Waugh, 1984, p. 134), reforçando a tensão entre memória e experiência. Como afirma a narradora, “sua condição de filha única, bem como o relativo isolamento da casa dos Tallis, a impediam... de se envolver em intrigas juvenis com as amigas” (McEwan, 2005, p. 4), a voz retrospectiva fornece o contexto que molda a personagem de Briony.

A voz narrativa em primeira pessoa de Briony é carregada de suas interpretações subjetivas, frequentemente marcadas por culpa e autoengano. Ao lidar com seu papel nos eventos trágicos, sua narrativa se torna um ato de expiação, onde a confiabilidade de seu relato é constantemente questionada. Considerando tudo isso, “a interação entre a voz narrativa e o pensamento da personagem revela as complexidades da ação” (Richardson, 2006, p. 78), enfatizando como as técnicas narrativas de McEwan aprofundam nossa compreensão da personagem Briony.

Além disso, a dinâmica temporal em *Reparação* destaca as implicações éticas da confiabilidade narrativa. À medida que Briony tenta reconstruir seu passado por meio da narração de histórias, o ato de narrar torna-se um meio de buscar perdão e compreensão. No entanto, esse desejo de expiação é ofuscado pela dificuldade inerente de representar o passado com precisão. A afirmação “na verdade, eles foram bem recebidos, pois os Tallises começaram a entender que o bebê da família possuía uma mente peculiar e facilidade com as palavras” (McEwan, 2005, p. 5) ilustra a interpretação subjetiva da narradora, evidenciando a complexidade da identidade de Briony. A manipulação do tempo verbal e da voz por McEwan serve para ressaltar a falibilidade da memória e a natureza subjetiva da verdade, sugerindo que as narrativas são continuamente moldadas pelas intenções e preconceitos do narrador.

Ricoeur (1984, p. 115) afirma que “a identidade narrativa se forma através da integração de experiências passadas em uma história coerente”, reforçando a noção de que a narrativa de Briony é tanto um empreendimento pessoal quanto ético. Em outras palavras, a interação entre os tempos verbais passado e presente, juntamente com a alternância entre as vozes narrativas, enriquece a narrativa ao mesmo tempo que desafia a confiabilidade do relato de Briony Tallis. Em última análise, a noção de que “um universo reduzido ao que nele foi dito era, de fato, uma organização perfeita, quase ao ponto da nulidade” (McEwan, 2005, p. 7) ressalta as complexidades inerentes à estrutura narrativa. Essa análise destaca a intrincada relação entre a dinâmica temporal e a confiabilidade narrativa, contribuindo para uma compreensão mais profunda das complexidades inerentes à obra de McEwan.

Como as escolhas linguísticas moldam a percepção e a interpretação

Esta análise explorará como estratégias linguísticas específicas — abrangendo dicção, imagens, tom e estrutura narrativa — contribuem para as maneiras pelas quais os leitores se envolvem com o texto e formam interpretações da agência e da responsabilidade moral dos personagens. Como afirma Gibson (1966, p. 7), “os recursos da linguagem são tais que podemos sinalizar o tipo de pessoa que queremos que as pessoas pensem que somos e o tipo de público a quem nos dirigimos”. Uma das escolhas linguísticas mais significativas em *Reparação* é o uso de uma dicção evocativa por McEwan, que captura a profundidade emocional das experiências dos personagens.

O vocabulário cuidadosamente selecionado não apenas transmite o peso da culpa de Briony Tallis, mas também serve para despertar empatia no leitor. Por exemplo, a frase inicial, “Querida Srta. Morland, que ideias você tem admitido?” (McEwan, 2005, p. 1), cria uma sensação de intimidade e urgência, influenciando a forma como os leitores interpretam os pensamentos e sentimentos das personagens. De fato, “a linguagem de McEwan é precisa e evocativa, permitindo que os leitores sintam o peso da culpa de Briony” (Wood, 2008, p. 45), enfatizando a ressonância emocional da dicção de McEwan. Além disso, McEwan emprega um tom variado ao longo do romance, alternando entre momentos de leveza e gravidade. Essa modulação tonal influencia a forma como os leitores percebem eventos cruciais e a dinâmica entre as personagens. Por exemplo, a jovialidade inicial na voz narrativa de Briony durante sua infância contrasta fortemente com as reflexões sombrias que se seguem aos mal-entendidos catastróficos que ela instiga. A descrição das personagens, como “a paixão desenfreada da heroína, Arabella, por um conde estrangeiro perverso” (McEwan, 2005, p. 2), cria um senso de melodrama e julgamento moral, moldando a percepção do leitor sobre a personagem e as ações de Arabella.

Essa transição não apenas intensifica a carga emocional, mas também incentiva os leitores a reavaliarem suas interpretações sobre a autonomia de Briony. Waugh (1984, p. 134) corrobora essa ideia ao observar que “as mudanças de tom ao longo da narrativa obrigam os leitores a reconsiderarem seus julgamentos sobre as personagens”, expondo a complexidade da interpretação moral no texto.

A própria estrutura narrativa é uma escolha linguística que molda de forma complexa o envolvimento do leitor. Ao empregar uma narrativa não linear e perspectivas variáveis, McEwan convida os leitores a reconstruir a história a partir de lembranças fragmentadas e pontos de vista diversos. Por exemplo, a reflexão sobre o escrutínio social — “Será que poderiam ser perpetrados sem serem descobertos em um país como este, onde o convívio social e literário é tão intenso? [...]” (McEwan, 2005, p. 1) — evoca uma sensação de vigilância que molda a percepção do leitor sobre o contexto social. Essa complexidade estrutural espelha as

complexidades da memória e a subjetividade da verdade, compelindo os leitores a participar ativamente da construção do significado. Ao navegar pelas camadas da narrativa de Briony e pelas perspectivas de outros personagens, os leitores são conduzidos a um processo de reflexão crítica que desafia interpretações simplistas de agência e culpa. “A estrutura narrativa fragmentada reflete as complexidades da memória e a natureza subjetiva da verdade” (Richardson, 2006, p. 78), reforçando o papel ativo do leitor na interpretação do texto.

Além disso, o uso do discurso indireto livre permite que os leitores acessem os pensamentos íntimos das personagens, mantendo um certo distanciamento narrativo. Essa técnica cria uma exploração matizada da psicologia das personagens, particularmente no caso de Briony, já que seus pensamentos e sentimentos estão intrinsecamente entrelaçados na trama narrativa. A imagem de suas bonecas — “suas bonecas de postura ereta em sua mansão de muitos cômodos pareciam estar sob instruções rigorosas para não tocar as paredes” (McEwan, 2005, p. 3) — destaca sua necessidade de ordem e controle. A fusão das vozes narrativas incentiva os leitores a se identificarem com Briony, ao mesmo tempo em que questionam sua confiabilidade.

Esse duplo envolvimento promove uma compreensão mais rica das complexidades éticas inerentes à personagem, uma vez que os leitores são levados a confrontar a tensão entre suas intenções e as consequências de seus atos. “O uso do discurso indireto livre complica a compreensão do leitor sobre a agência da personagem” (Herman, 2013, p. 45), ampliando a natureza multifacetada da técnica narrativa de McEwan. Além disso, a exploração de temas como memória, trauma e expiação por McEwan está profundamente entrelaçada com escolhas linguísticas que moldam a interpretação do leitor. O próprio ato de contar histórias torna-se um espaço de engajamento em que os leitores devem lidar com as implicações da autoridade narrativa e as responsabilidades do narrador. A frase “as moedas que um vilão escondia no bolso eram ‘esotéricas’” (McEwan, 2005, p. 5) reflete a visão imatura e romantizada de Briony sobre a arte de contar histórias, levando os leitores a considerar as ramificações éticas de sua narrativa.

Este envolvimento com o texto incentiva um exame crítico de como as narrativas são construídas e das maneiras pelas quais podem ser tanto redentoras quanto enganosas. “A identidade narrativa é formada pela integração de experiências passadas em uma história coerente” (Ricoeur, 1984, p. 115), reforçando as dimensões éticas da narrativa de Briony. Wales (2014, p. 415) propõe que “o estilo abrange os hábitos linguísticos de um determinado escritor”.

CONCLUSÃO

Em *Reparação*, Ian McEwan entrelaça de forma complexa a voz narrativa, a autonomia dos personagens e as escolhas linguísticas para criar uma tapeçaria intrincada que questiona a natureza da verdade, da memória e da responsabilidade moral. Através da manipulação estratégica de técnicas narrativas — abrangendo mudanças de perspectiva, variações de tempo verbal e uma dicção matizada — McEwan convida os leitores a se envolverem profundamente com o texto, provocando reflexões críticas sobre as dimensões éticas da narrativa e a fluidez da identidade. A interação entre voz narrativa e autonomia é particularmente evidente na personagem Briony Tallis, cuja perspectiva em constante evolução serve tanto como uma lente para o leitor quanto como um mecanismo para sua própria autoexploração.

À medida que Briony lida com seus erros de julgamento passados e as consequências de seus atos, as construções linguísticas que ela emprega refletem sua compreensão mutável de agência. Essa evolução reforça a noção de que a agência não é um atributo estático, mas sim uma interação dinâmica entre a intenção pessoal e a representação narrativa. Além disso, o uso que McEwan faz de variadas formas narrativas — combinando perspectivas em primeira e terceira pessoa — demonstra as complexidades da confiabilidade e da verdade. Ao justapor as lembranças subjetivas de Briony às perspectivas mais amplas de outros personagens, McEwan desafia os leitores a navegar pelas ambiguidades da memória e da autoridade narrativa. Essa abordagem multifacetada não apenas enriquece a experiência do leitor, mas também enfatiza as responsabilidades éticas inerentes ao ato de contar histórias.

Em última análise, *Reparação* serve como uma profunda exploração de como as escolhas linguísticas moldam nossa compreensão de caráter e agência. As complexidades narrativas de McEwan levam os leitores a refletir sobre as implicações de suas interpretações, incentivando um envolvimento mais profundo com as questões morais e filosóficas do texto. Dessa forma, o romance se apresenta como um testemunho do poder da linguagem na construção de significado e na formação da experiência humana, revelando as delicadas interconexões entre a voz narrativa, a agência e o próprio ato de narrar. Por meio dessa exploração, McEwan não apenas cria uma história envolvente, mas também convida os leitores a confrontar as complexidades da identidade, da memória e da busca incessante pela redenção.

REFERÊNCIAS

- Altair, Z. (2016). *Storytelling for Pantsers*. Altair Publications.
- Bakhtin, M. (1981). *The dialogic imagination: Four essays*. University of Texas Press.
- Duranti, A. (2004). Agency in language. In A. Duranti (Ed.), *A companion to linguistic anthropology* (pp. 45–66). Blackwell Publishing Ltd.
- Fisher, W. R. (1984). Narration as a human communication paradigm. *Communication Monographs*, 51(1), 1–22.
- Genette, G. (1980). *Narrative discourse: An essay in method*. Cornell University Press.
- Gibson, W. (1966). *Tough, sweet & stuffy: An essay on modern American prose styles*. Indiana University Press.
- Herman, D. (2013). *Storytelling and the sciences of mind*. MIT Press.
- Kristeva, J. (1984). *Revolution in poetic language*. Columbia University Press.
- Lee, S. (2025). *Language and identity in linguistic variation*. Number Analytics.
- McEwan, I. (2005). *Atonement*. Vintage.
- Phelan, J. (2007). *Experiencing fiction: Judgments, progressions, and the rhetorical theory of narrative*. Ohio State University Press.
- Richardson, B. (2006). *Unnatural voices: Extreme narration in modern and contemporary fiction*. Ohio State University Press.
- Ricoeur, P. (1984). *Time and narrative*. University of Chicago Press.
- Rollyson, C. (2020). *Biography*. University of Virginia Press.
- Traugott, E. C., & Pratt, M. L. (2008). *Language, linguistics, and literary analysis*. Routledge.
- Wales, K. (2014). *A dictionary of stylistics* (2nd ed.). Routledge.
- Waugh, P. (1984). *Metafiction: The theory and practice of self-conscious fiction*. Routledge.
- Wood, J. (2008). *How fiction works*. Farrar, Straus and Giroux.

CRediT Author Statement

Agradecimentos: Não.

Financiamento: Esta pesquisa não recebeu nenhum apoio financeiro.

Conflitos de interesse: Não há conflitos de interesse.

Aprovação ética: O trabalho respeitou a ética durante a pesquisa.

Disponibilidade de dados e materiais: Os dados e materiais utilizados neste trabalho não estão disponíveis publicamente.

Contribuição dos autores: 15% para cada autor.

Processamento e editoração: Editora Ibero-Americana de Educação

Revisão, formatação, normalização e tradução

